

A História do Gato Preto

Um conto do segundo confinamento (2021)

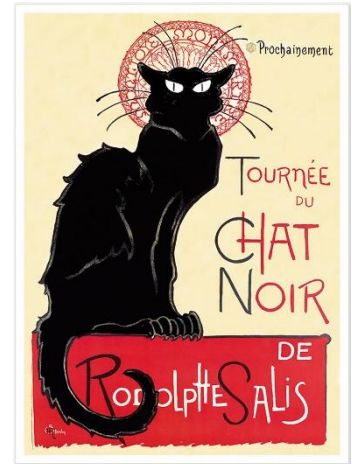
O gato preto estava com azar. Nas ruas desertas do Porto, não encontrava ninguém para azarar. Andava por ali há várias noites e não aparecia viva alma a quem pudesse cruzar o caminho. Nem isso, nem comida.

Não era um gato preto qualquer, mas um puro e original *chat noir*. Peito altivo e soberbo, pelo negro lúcido e profundo como a noite, olhos grandes e intensos cor de cobre, com finas pupilas verticais - pupilas aguçadas como fendas, elegantes e misteriosas.

Como os répteis. Desde que o cabaré homónimo abrisse em Paris em 1881, no distrito artístico e boémio de Montmartre, os *chat noir* (corretamente seria “os chats noirs” para obedecer ao plural, mas os símbolos têm essas vantagens, libertam-se das regras gramaticais e deixam de ter género), os *chat noir*, dizia, tornaram-se o símbolo da vida notívaga e libertina. Entretanto, o cabaré fechou e agora Le Chat Noir é uma marca de biscoitos francesa... enfim, todos temos que fazer pela vida, até os gatos pretos.

Já não se sabe o que veio primeiro, se foi a fama dos gatos pretos darem azar que os tornou símbolos de libertinagem, ou se foi porque os gatos pretos são particularmente boémios que ganharam fama de dar azar. Também está longe de ficar provado qualquer relação entre boémia e libertinagem e o azar, mas isso é outra discussão.

A verdade é que os gatos vadios, pretos e tresmalhados, estavam a ser alvo de um ataque abominável, uma tentativa cruel e desavergonhada dos humanos de acabar de uma vez por todas com a vadiagem (dos gatos). Com os restaurantes fechados, os gatos vadios já não conseguiam encontrar restos para se alimentar. Em lado nenhum, nem nos becos, nem nos telhados, nem nos caixotes do lixo. A vida não estava fácil para os gatos vadios, pretos e tresmalhados.



Sem comida, os gatos pretos andavam magrinhos e com o pelo baço. Sem pessoas para azarar, andavam tristes e aborrecidos, sem nada para fazer. Ao menos tinham os bancos do jardim só para eles, para se espreguiçarem a apanhar sol. Mas no primeiro confinamento ainda estava sol, agora no segundo a chuva teimava em não parar. O azar do gato preto era ainda maior, sem comida, sem pessoas para azarar e agora sem sol.

Mas voltando ao que interessa. Este ataque persistente aos gatos vadios era uma violação descarada da Convenção, o acordo celebrado há muitos milhares de anos entre os humanos e alguns animais. A Convenção terá sido assinada na Arca de Noé, uma armadilha montada pelos humanos para meter os animais todos num barco e os tentar convencer a substituir o Leão pelos humanos como o rei dos animais. Os que aceitassem e se deixassem domesticar, teriam comida e abrigo. Os que rejeitassem, seriam perseguidos e caçados até à extinção. Na altura os humanos não mencionaram que os domesticados teriam abrigo e comida para engordar e depois servirem como comida ou bois de carga – não todos, é verdade, os gatos e os cães conseguiram tornar-se úteis de outras formas e evitar o destino da caçarola. A maioria dos animais riu-se descaradamente na cara de Noé, quem é que os humanos pensavam que são, um animal desengonçado e fraco, que se escondia nas cavernas e o único truque que sabiam fazer era tocar com o polegar nos outros dedos. Um truque sem graça nenhuma, ainda por cima. Nunca seriam o rei dos animais e ninguém tinha medo daquelas ameaças vazias sobre extinção.

Lá foram à sua vida. Os humanos não conseguiram melhor do que convencer uns poucos a aceitar o negócio: cães, gatos, galinhas, ovelhas, vacas e mais meia dúzia.

Os animais selvagens nunca tinham perdoado a traição dos que se deixaram domesticar. O Leão, sobretudo, guardava um rancor muito particular aos gatos, que eram afinal um primo felino que tinha desertado. Mais do que rancor pela deslealdade, os animais selvagens tinham na verdade era inveja... uma espécie de azia quando se aperceberam que afinal tinham avaliado mal aquele animal fraquito com polegar oponível, que agora, uns milhares de anos depois, estava finalmente em vias de conseguir cumprir a ameaça que fizera na Arca de exterminar todos os que rejeitassem submeter-se.

Mas parece que já não chegava exterminar os que tinham recusado trocar de rei, agora os humanos estavam apostados em matar todos os gatos vadios, em abjeta violação da

Convenção. O Primeiro Ataque veio do nada, apanhou os gatos vadios totalmente desprevenidos. Começou a 19 de março de 2020, Anno Domini, que é como quem diz, no calendário dos homens.

O ano zero do calendário dos gatos corresponde a 2890 a.C. Esse terceiro milénio a.C. corresponde ao apogeu dos gatos, adorados pela sua capacidade de combater pragas, ratos, ratazanas e cobras, e consequentemente afastar espíritos malignos e doenças. Os gatos andam por isso quase três mil anos mais avançados do que os humanos, contando o tempo desde Bastet, a sensual deusa egípcia com corpo de mulher e cabeça de gata. Bastet era tanto a filha guerreira do deus do sol Rá, uma leoa aguerrida a proteger as suas crias, como uma sensual e maternal deusa da fertilidade... os dois lados da essência feminina. Até nessas coisas das divindades os humanos tiveram que fazer asneira. Parece obvio que a divindade primordial tem que ser feminina, não?, atendendo a que só da fertilidade pode nascer alguma coisa, seja o universo ou os animais ou os humanos. Ou quanto muito um casal divino. Todos os animais sabem isto, exceto os humanos que teimam em tratar o seu Deus monoteísta como masculino, “o” Deus e não “a” Deusa. Depois queixem-se de discriminação! Como é que querem evitar a discriminação das mulheres se toda a sociedade assenta em símbolos masculinos? Desde pequeninas as crianças são bombardeadas com a História cheia de heróis masculinos, esculturas de homens guerreiros a cavalo e até na catequese é “o” Deus. É verdade que todas as áreas de conhecimento são femininas (a Matemática, a História, a Biologia, a Física, as Línguas, a Filosofia), mas até nisso os homens não dão ponta sem nó e impuseram sobre todas elas “o” Conhecimento e “o” Sábio. Por muitas boas intenções que haja, enquanto os padres não começarem nas missas a invocar o/a Seu Nome e a rezar ao Pai/Mãe Nosso/a, isto nunca se há de resolver. Palavra de gato preto!

Muita coisa tinha de facto mudado em 5.000 anos, entre os tempos antigos em que os gatos eram proteção contra espíritos malignos e os tempos modernos em que os gatos pretos dão azar.

Nas seis semanas que durou o Primeiro Ataque, com os restaurantes fechados, muitos gatos vadios morreram de fome. Aliás, a história de que os gatos têm sete vidas é completa mentira, saber cair de pé e levantar-se não é a mesma coisa que conseguir passar sem comer. Mas isso toda a gente sabe, na verdade. O que poucos sabem é que efetivamente os gatos

pretos têm um... chamemos-lhe um “acordo especial”. Os deuses têm passado uns tempos muito aborrecidos há mais de vinte séculos, e para se divertirem um pouco deram aos gatos pretos um poder especial de azarar os humanos. Em troca disso, Bastet concede-lhes vidas extra. Não está muito claro quantas são, mas convencionalmente aceita-se que sejam duas ou três.

O gato preto que estava com azar nas ruas desertas da noite do Porto já tinha morrido duas vezes o ano passado, no primeiro confinamento. Verdadeiramente, estava por um fio.

Esta era a segunda vez em menos de um ano que os humanos atacavam os gatos vadios desta forma, privando-os de restos para comer e de pessoas para azarar.

O Segundo Ataque começara a 15 de fevereiro. Em desespero, os gatos pretos, vadios e tresmalhados, decidiram pedir ajuda.

Começaram naturalmente pelos cães, que são os únicos agentes infiltrados relevantes que os animais domesticados conseguiram manter: os cães não apenas têm acesso ao interior das fortalezas inimigas, ou seja, as casas dos humanos, como ainda têm a força selvagem do lobo. Se quisessem, os cães podiam iniciar uma revolta e mudar radicalmente o tabuleiro do jogo. Nos tempos modernos, Orwell não começaria a revolta dos animais com o triunfo dos porcos, mas com o rosar dos cães. Mas qual quê!! Dali não viria ajuda, os cães são leais como... bom, como cães, na verdade.

Depois, mordendo a vergonha, os gatos vadios foram pedir ajuda aos animais selvagens. Afinal, eles próprios estavam há muitas décadas a sofrer na pele o poder dos humanos e da Grande Extinção: a arma terrível do aquecimento global e catástrofe ecológica que os humanos tinham encontrado para finalmente cumprir a ameaça da Arca e exterminar todos os animais que haviam recusado trocar o rei Leão pelos humanos. Apesar da simpatia e palavras bonitas, nenhum se quis intrometer. Pelo contrário, estes confinamentos podiam estar a matar os gatos vadios, mas eram um interregno nas hostilidades. Ao fecharem-se em casa para furtar aos gatos pretos qualquer oportunidade de encontrar restos para comer ou pessoas para azarar, os canhões e armas da Grande Extinção (as chaminés das fábricas e os escapes dos carros) tinham temporariamente parado. Além disso, a relutância dos animais em ajudar os gatos vadios traduzia também o rancor que todos guardavam contra todos os

animais que se haviam rendido ao inimigo – sobretudo o rei Leão, que nunca perdoara aos seus primos felinos terem trocado de lado.

Os gatos vadios, pretos e tresmalhados, bateram mesmo no fundo do desespero quando foram pedir ajuda aos gatos domésticos. A reação desses foi ainda pior que a dos cães e dos animais selvagens. Criaram uma comissão, claro está (é isso que os gatos domésticos sabem fazer), para decidir se iam decidir, mas decidiram como sempre que o melhor era não decidir. No comunicado, afirmaram vigorosamente que os gatos domésticos são amigos de todos os gatos de bem, mas não podem pactuar com gatos vadios. Como explicaram doutamente os gatos domésticos (como sempre explicam os que querem explicar as não decisões), se ajudassem os gatos vadios estariam a criar incentivos adversos blá blá blá blá qualquer coisa sobre “risco moral” blá blá blá blá, a cigarra e a formiga blá blá blá. Conclusão: vão-se foder. Que fossem trabalhar, se queriam comer!

Os *chat noir* (os e as, na verdade) foram os primeiros a abandonar aquela reunião com os gatos domésticos, saindo com o orgulho ferido mas a cabeça levantada. Mesmo de barriga vazia, não se pode perder a dignidade. Passearam-se provocativamente sobre o telhado onde a reunião decorria, sob um luar claro e brilhante. Os gatos domésticos, balofos a rebentar, babavam-se a olhar para aquelas ancas sensuais, cinturas lisas e olhos misteriosos das *chat noir*. As gatas domésticas, com os seus pelos bem penteados e ancas roliças besuntadas de creme, desdenhavam daquelas *chat noir* vadias ao mesmo tempo que lançavam olhares furtivos ao peito forte e soberbo dos *chat noir*. Os gatos domésticos foram para casa cheios de tesão e as gatas também, sabe-se lá o que fizeram uns com os outros enquanto pensavam (uns e outros), noutros.

Nessa noite os gatos vadios, pretos e tresmalhados, fartaram-se de rir às custas dos gatos domésticos. Haviam de rebentar todos, inchar como bolas de gordura fofinha, rebolar contra uma parede e rebentar, espalhando miolos e tripas de gatinho pelos sofás brancos e tapetes bege dos seus donos.

Nessa noite os gatos vadios tinham humilhado os gatos domésticos, pelo menos era o que aqueles acreditavam. A versão do comunicado de imprensa emitido pelos gatos domésticos dizia que tinha sido ao contrário, que estes tinham ensinado aqueles uma

importante lição de moral e bons costumes. Enfim, a verdade é (re)escrita por quem segura a caneta.

Foi aliás nessa noite que um gato tresmalhado contou uma coisa importante ao *chat noir*. “Ao” e não “aos”, porque refiro-me ao *chat noir* específico com que começamos esta estória. Pelos vistos, apesar de os restaurantes estarem fechados e os becos dos restos vazios, desta vez havia pessoas nas ruas, pelo menos durante o dia. Tinham aprendido durante o Primeiro Ataque, e neste Segundo Ataque os humanos estavam a ser mais seletivos. A partir das 20h fechava tudo, afinal os lugares boémios e libertinos da noite eram os que mais contribuíam para alimentar os gatos vadios, pretos e tresmalhados que eram os alvos dos Ataques. A noite estava fechada, mas o dia estava mais ou menos normal.

Na sua soberba e orgulho de *chat noir*, animal notívago com alma livre de artista, o gato preto desta estória recusava-se a andar de dia. Só se vadia de noite, onde já se viu um gato vadio a vadiar de dia?

Naquela noite, na noite com que começamos, nas ruas desertas do Porto, o gato preto não encontrava ninguém para azarar. Ficou com o azar para si próprio.

Como o gato tresmalhado lhe tinha dito que de dia havia pessoas nas ruas e ele estava desesperado, decidiu esperar. Os humanos podiam matá-lo à fome, mas ele não ia morrer sem dar luta. Pelo menos azaria alguém antes de morrer. Por isso foi-se deixando estar a vaguear pelas ruas desertas da noite do Porto, já depois do nascer do sol, muito depois das horas em que normalmente se recolhia. E não é que o gato tresmalhado tinha razão?! Ao longe, na rua deserta, ouviu o ruído de um carro que se aproximava. Gente. Vinha aí gente.

Quando o carro se aproximava, o gato preto saltou-lhe para a frente e cruzou-se no caminho para azarar a pessoa que conduzia o carro. Teve azar. O condutor não viu o gato preto e atropelou-o (ou se calhar foi de propósito, nesta guerra dos humanos contra os gatos vadios não há escrúpulos). Os gatos normais não têm sete vidas, e mesmo os pretos, apesar do acordo especial, só têm duas ou três, e as deste gato preto já estavam gastas.

O dia amanheceu fulgurante, com um céu vermelho cor de fogo a anunciar os dias quentes que aí vinham. Na verdade, o vermelho era o sangue do gato preto atropelado que subia ao céu. Normalmente os gatos pretos, de tanto azar causarem, não entram no céu e

vão diretos para o inferno. Mas este gato preto azarado, com tantos sofrimentos e morto por atropelamento, acabou por entrar no céu. O azar do gato preto afinal foi a sua sorte.

Os jornais da manhã anunciaram em grandes parangonas a “Morte do Gato Azarento”. Já não são os arduos a anunciar as notícias nas ruas da cidade, agora as notícias entram-nos pelos olhos dentro nas notificações do telemóvel. Mas vai dar ao mesmo... a morte do gato preto azarento era uma excelente notícia, talvez o azar agora se fosse de vez e os humanos pudessem retomar as suas vidas normais. Ah, que alívio!

Os políticos e líderes de opinião anunciavam com grande segurança e convicção que sim, a morte do gato preto azarento era uma excelente notícia. Os mesmos políticos e líderes de opinião que uns meses antes tinham celebrado outras boas notícias. Pouco antes do Natal, a festa do nascimento do Nazareno, celebraram o nascimento da sorte, que seria a vacina. Agora que se aproximava a Páscoa, a festa da morte (e ressurreição), todos celebraram a morte do azar, ou pelo menos do azarento. Curioso, quão ténue é a linha que separa a palavra Nazareno de Azarento.

E assim foi que mais uma vez todos saíram, em beijos e abraços, desta feita para celebrar a morte do gato preto azarento. Com tantos beijos e abraços, estava-se mesmo a ver no que ia dar. Tiveram azar. Numa grande mesa no céu, os deuses riam-se à gargalhada e davam os parabéns ao gato preto. Que grande partida!

Porto, fevereiro de 2021

Karlos K.

<https://karlosk.com/>

<https://www.facebook.com/karlosk.escritor>